**Manchete:** A crise de eletricidade na África do Sul prossegue

Por Vashna Jagarnath

**Biografia do autora:** Este artigo foi produzido pela [Globetrotter](https://globetrotter.media/) e traduzido por Pedro Marin para a [Revista Opera](https://revistaopera.com.br/). Vashna Jagarnath é uma acadêmica, sindicalista e ativista. Ela é a diretora da Pan Africa Today (PAT) e trabalha no escritório do secretário geral do [Sindicato Nacional dos Metalúrgicos Sul-Africanos](https://go.ind.media/e/546932/2022-09-28/rbl8b2/1156020337?h=uH3R1id5l77EtmhkNNVMtx6qFxwQ-KYakCXW2GYLmg8https://go.ind.media/e/546932/2022-09-28/rbl8b2/1156020337?h=uH3R1id5l77EtmhkNNVMtx6qFxwQ-KYakCXW2GYLmg8https://go.ind.media/e/546932/2022-09-28/rbl8b2/1156020337?h=uH3R1id5l77EtmhkNNVMtx6qFxwQ-KYakCXW2GYLmg8https://go.ind.media/e/546932/2022-09-28/rbl8b2/1156020337?h=uH3R1id5l77EtmhkNNVMtx6qFxwQ-KYakCXW2GYLmg8https://go.ind.media/e/546932/2022-09-28/rbl8b2/1156020337?h=uH3R1id5l77EtmhkNNVMtx6qFxwQ-KYakCXW2GYLmg8) (NUMSA). Ela também é vice-secretária-geral do Partido Socialista Revolucionário dos Trabalhadores (SRWP) da África do Sul.

**Fonte:** Globetrotter

**Rótulos:** Economia, Política, História, África do Sul, Justiça social, Direitos humanos, Direitos da mulher, Trabalho, Ativismo, Opinião, Curto prazo

**[Corpo do artigo:]**

Ao final do regime do apartheid, em 1994, [somente 36% das casas](https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/23402RSA_Voluntary_National_Review_Report___The_Final_24_July_2019.pdf) na África do Sul tinham luz elétrica, com quase todos os domícilios brancos tendo acesso à energia e a maior parte dos domicílios negros sem acesso à eletricidade. Dez anos mais tarde, mais de [80% dos domicílios tinham acesso à energia elétrica](https://theconversation.com/south-africas-economic-growth-affected-by-mismatch-of-electricity-supply-and-demand-179129). Foi uma realização importante, apesar de ter [deixado para trás](https://www.nytimes.com/2005/12/25/world/africa/shantytown-dwellers-in-south-africa-protest-sluggish-pace-of.html) os moradores das favelas, em rápido crescimento em todo o país.

Mas esse progresso chegou a um limite em 2007, quando a África do Sul [começou a sofrer](https://thetricontinental.org/pt-pt/south-africa/the-crisis-in-south-africas-energy-sector-towards-a-just-transition/) com os “cortes de carga”, que é o corte do fornecimento de energia para diferentes áreas de forma rotativa. O “corte de carga”, implementado quando a companhia estatal de energia, a Eskom, é incapaz de prover eletricidade para todo o país e a rede de energia precisa ser mantida estabilizada, parece ter chegado a um novo nível nos últimos dias, com a maioria das regiões ficando sem energia elétrica por [até 12 horas por dia](https://www.lemonde.fr/en/le-monde-africa/article/2022/09/23/south-africa-s-main-power-grid-is-on-the-verge-of-meltdown_5997976_124.html). Houve avisos de que [blecautes totais](https://www.aljazeera.com/news/2022/7/1/power-cuts-in-south-africa-what-you-need-to-now) podem ser necessários.

A Eskom [foi incapaz de manter um fornecimento](https://www.thegwpf.org/content/uploads/2020/06/Decline-Fall-Eskom.pdf) estável de energia por 15 anos por conta da falta de investimento na atualização da infraestrutura e pouca manutenção, um período de saque sob o regime cleptocrático do ex-presidente Jacob Zuma, e um longo programa de austeridade estatal que resultou no desinvestimento geral nas empresas estatais.

A crise energética tem sido bastante danosa para uma economia que [tenta se recuperar](https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-09-19/ramaphosa-races-home-as-south-african-energy-crisis-escalates) de uma desindustrialização socialmente devastadora, da austeridade estatal e do crescente controle das [máfias políticas](https://www.latimes.com/world/africa/la-fg-0320-south-africa-politics-20160321-story.html) sobre a vida econômica. Há estimativas de que o “corte de carga” tenha levado a uma perda de 500 bilhões de randes (cerca de 28 bilhões de dólares) na economia sul-africana desde 2018, sendo responsável por uma perda de cerca de [1 bilhão de randes por etapa](https://www.thesouthafrican.com/news/how-long-load-shedding-monday-9-december-when-eskom-floods/), isto é, por dia.

A África do Sul tem taxas de conectividade energética muito maiores que o resto da África subsaariana, [onde cerca de 90% das crianças](https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/1608Electricity%20and%20Education.pdf) que conseguem acessar a educação básica vão para escolas sem energia elétrica. Mas com o corte de carga fazendo com que a energia fique desligada durante a maior parte do dia, muitas pessoas na África do Sul podem enfrentar condições semelhantes às que vivem no resto da África subsaariana. Dado que a África do Sul é hoje o país [mais desigual do mundo](https://www.aljazeera.com/news/2022/3/10/south-africa-most-unequal-country-in-the-world-report), o aprofundamento da crise energética aumenta as diferenças entre ricos e pobres, com os últimos sendo majoritariamente negros e, em grande parte, mulheres.

De acordo com [relatórios recentes](https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/1608Electricity%20and%20Education.pdf), mais de 30,4 milhões de pessoas na África do Sul vivem abaixo da linha de pobreza, de uma população total de 60,6 milhões. Cerca de 50% da população vive com 1.335 randes por mês, ou cerca de 75 dólares. O custo básico da eletricidade para um domicílio pobre é de algo entre [1.100 e 1.500 randes](https://briefly.co.za/105425-prepaid-electricity-rates-south-africa-work.html), o que já é um custo maior do que a renda de metade da população do país. Junto da ampla insegurança alimentar, é provável que a mesma população de mais de 30 milhões de sul-africanos enfrente a “pobreza energética”, um termo usado para descrever uma situação na qual as contas de eletricidade, gás e outras fontes de energia tomam uma larga parcela dos gastos do domicílio, dificultando que esses sul-africanos cubram os custos com comida, aluguel e roupas. Além disso, o uso reduzido de energia em domicílios e locais de trabalho tem um impacto negativo em sua saúde física e mental. Nas favelas, a falta de eletricidade tem se traduzido há muito tempo em pessoas usando velas e gás para cozinhar e iluminar suas casas, vivendo em condições precárias que frequentemente [resultam em incêndios devastadores](https://bit.ly/3SblOre). Com cortes de carga frequentes, os incêndios também devem se tornar mais comuns nesses tipos de moradia.

Além de tudo isso, a África do Sul teve a [oitava taxa de homicídios mais alta do mundo](https://data.worldbank.org/indicator/VC.IHR.PSRC.P5?most_recent_value_desc=false) em 2020, e a [quarta maior taxa de violência de gênero no mundo](https://www.weforum.org/agenda/2019/09/gender-based-violence-in-africa/), de acordo com dados de 2016. As horas cada vez maiores de cortes de carga e a queda abrupta de eletrificação tornará essa violência ainda maior. [Um estudo realizado em 2017 no Brasil](https://iopscience.iop.org/article/10.1088/1748-9326/aa7bdd) sobre o impacto socioeconômico da eletrificação concluiu que o acesso à energia resulta em quedas significativas nas taxas de violência de gênero, por conta da melhor iluminação em espaços públicos.

O fardo da reprodução social sempre foi carregado majoritariamente pelas mulheres. O acesso à eletricidade pode reduzir esse peso. [Um estudo de 2021](https://jpia.princeton.edu/news/powering-households-and-empowering-women-gendered-effects-electrification-sub-saharan-africa) intitulado “Energizando domicílios e empoderando mulheres” concluiu que, ao liberar o tempo das mulheres, a pobreza é reduzida pela criação de oportunidades para que mulheres e meninas desenvolvam meios de subsistência, entrem na força de trabalho ou se concentrem na escola. Isso também pode reduzir a exposição a poluentes nocivos dentro de casa, aumentar a saúde materna e diminuir a violência de gênero.

A demanda pela resolução da crise de eletricidade tem sido uma das poucas questões que ajudaram a unir os pobres, a classe trabalhadora e a classe média. Mas, até agora, essas exigências não estão bem organizadas e foram atendidas com pouco mais do que [chavões](https://www.ips-journal.eu/topics/economy-and-ecology/energy-prices-are-driving-society-to-its-breaking-point-6197/) pelas elites dominantes, incluindo o presidente sul-africano Cyril Ramaphosa.

O comprometimento do Congresso Nacional Africano (CNA) com a austeridade neoliberal tem se traduzido em investimentos insuficientes na companhia estatal de energia. Sua única proposta tem sido substituir as estações de energia estatais a carvão, que são altamente poluentes, para [formas privadas de energia renováveis](https://www.climatechangenews.com/2022/07/26/south-africa-turns-to-renewables-gas-and-batteries-to-end-power-cuts/). Atualmente, uma das pessoas mais bem colocadas para [se beneficiar disso](https://www.yahoo.com/entertainment/south-african-billionaire-motsepe-says-180215799.html) é o cunhado do presidente, o bilionário Patrice Motsepe, levando em conta seus investimentos em energia renovável.

Os sindicatos na África do Sul têm insistido que, apesar de uma mudança para fontes renováveis ser bem-vinda, realizá-la por meio de privatizações aumentará o custo da energia elétrica para os pobres e a classe trabalhadora, resultando em uma inclinação para atender aos interesses dos capitalistas e dos ricos. os sindicatos [propuseram](https://thetricontinental.org/wp-content/uploads/2021/04/Eng_working-document-SA-Electricity.pdf) que as fontes renováveis sejam públicas e geridas socialmente.

As propostas dos sindicatos foram ignoradas, a austeridade prossegue, e houve pouco movimento para a privatização da produção elétrica. É uma situação de estagnação.

Especialistas acreditam que os cortes de carga, com seus efeitos econômicos e sociais altamente prejudiciais, provavelmente continuarão pelos próximos três ou quatro anos. Muitos analistas argumentam que isso deve atingir a popularidade do Congresso Nacional Africano nas próximas eleições presidenciais, previstas para 2024. Uma crise de energia poderia significar uma [perda de poder](https://www.reuters.com/world/africa/safricas-ramaphosa-knife-edge-crises-spur-leadership-contest-2022-08-05/) político. Com os partidos xenofóbicos e de direita avançando, o cenário não é de muito otimismo.

A África do Sul não verá luz até que o valor social do acesso à eletricidade seja tomado em conta. A proposta dos sindicatos por uma mudança para fontes renováveis administradas e detidas socialmente é [a melhor opção](https://thetricontinental.org/pt-pt/south-africa/the-crisis-in-south-africas-energy-sector-towards-a-just-transition/) na mesa. Nós precisamos de uma solução que vise a maioria, e não alguns poucos.